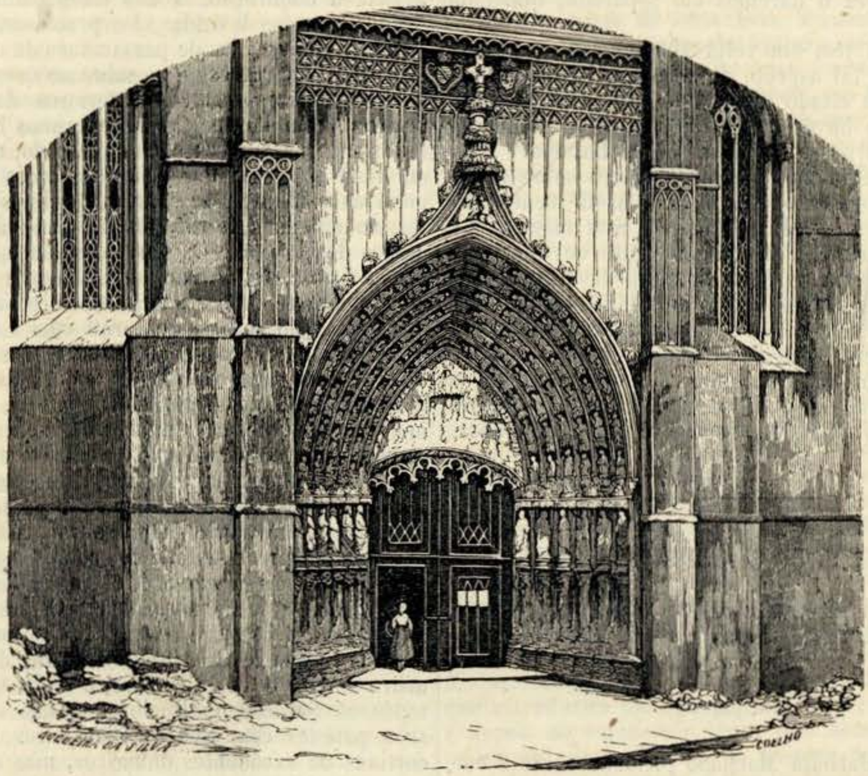
CONVENTO DA BATALHA



Porta principal da egreja — Desenho de Nogueira da Silva.

Para intender o pensamento do mosteiro de Santa Maria da Victoria, cumpre ter vivido com a revolução que poz no throno o Mestre d'Aviz; ter pelejado nos muros de Lisboa; ter vencido em Aljubarrota.

Não é este edificio obra de reis, ainda que por um rei me fosse encommendado seu desenho e edificação, mas nacional, mas popular, mas de gente portugueza, que disse: *não seremos servos do estrangeiro;* e provou seu dito.

(Palavras do architecto Affonso Domingues).

A. HERCULANO — *A Abobada.*

Se a egreja da Batalha não fôra o nosso mais perfeito monumento da architectura gothica, e o padrão da mais ferida batalha que se deu para a independencia de Portugal, bastaria para o eternisar a penna de dois grandes historiadores, fr. Luiz de Sousa e Alexandre Herculano; assim como o lapis do celebre architecto inglez James Murphy.

Na «Historia de S. Domingos» de Sousa, e na «Abobada», lenda historica de Herculano, tem o convento da Batalha as mais sonoras tubas da sua fama.

Na «Planta e descripção do real convento da Batalha» escripta na lingua ingleza, com vinte e sete estampas magnificas, gravadas em aço, pelo architecto Murphy, tem este sumptuoso templo desenhadas todas as suas riquezas e primores artisticos.

Tambem na erudita «Memoria Historica» de D fr. Francisco de S. Luiz (cardeal Saraiva), se corrigem muitos pontos até alli desfigurados ou duvidosos.

O conde Raczynski, no seu livro «Les arts en Portugal» trata com largueza d'este monumento, que elle, bom entendedor, considera *comme un des restes plus intéressans, et même les plus séduisans de la pure architecture gothique.*

Não obstante porém estes e outros escriptos e gravuras, que desde muito tempo se tem publicado, os jornaes litterarios de Portugal e do Brasil não cessam, com razão, de reproduzir por todos os modos as bellezas parciaes d'este grandioso monumento.

Hoje publica o nosso uma gravurinha mimosa, aberta em madeira, da porta principal da egreja.

Sobre este portal se exprime fr. Luiz de Sousa, nos seguintes termos, que por serem d'elle se hão de ler sempre com delicia:

«O portal e frontispicio da entrada principal merecia só um livro pela qualidade da obra, se houveramos de particularisar tudo o que n'ella ha de columnas, de figuras, de lavores e variedade de feitios, desde a primeira pedra que descobre sobre a terra, até ao remate, que levanta grande altura sobre a maior abobada. Porque, cada palmo tem tanto que ver, de delicadeza e artificio, de trabalho e magestade, que considerado com attenção impossibilita o engenho e embota a penna, para o declararmos e se entender com todas as suas partes. Só um espelho que se abre no alto, em meio do frontispicio, para dar luz dentro, parece que se não podia obrar com mais subtileza e cuidado, em trancinhas de agulha ou lavor de cera, ou no espelho de uma viola: e quadra-lhe bem esta ultima comparação pela fórma circular e redonda, e pela representação e miudeza do feitio. Os vãos que na viola ficam abertos,

para dar logar ás vozes que fórma no interior, ficaram cá cerrados de vidraças como dissemos, debuxadas todas de côres finas e pinturas varias, de armas e divisas do reino, de tenções e emprezas del-rei.»

A nossa estampa não chega a este espelho ou oculo, de que tanto se namorou fr. Luiz de Sousa, porque só apresenta o desenho da porta principal; mas para outra vez o daremos em separado, que bem vale a pena.

Esta porta tem em volta 100 figuras de relêvo, que dão um tal aspecto de magestade ao frontispicio, que o já citado architecto britannico, J. Murphy, diz não haver na Europa outro nenhum, gothico, que se possa comparar ao da Batalha.

Para avivar a memoria dos leitores sobre a origem d'este convento dominicano, basta mencionarmos que el-rei D. João I erigíra esta magnifica e sumptuosa fábrica, em cumprimento de uma promessa que fizera a Nossa Senhora da Victoria, no memoravel dia 14 de agosto de 1385, estando para dar a famosa batalha de Aljubarrota, em que alcançou do exercito castelhano o mais completo e assignalado triumpho. Dois annos depois, comprado o chão, e approvado o risco do architecto portuguez Affonso Domingues, dava-se comêço á grande obra.

PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS

(SUA ANTIGUIDADE, E COM QUE ACOMPANHAMENTO E FIGURAS SE TEM FEITO EM LISBOA, DESDE O TEMPO DEL-REI D. JOÃO I

(Vid. pag. 109)

Descreve Barbosa Machado primeiramente a magnificencia das armações que se fizeram no exterior da patriarchal e paços da Ribeira, assim como a sumptuosidade de porticos e columnatas que se levantaram no Terreiro do Paço e na praça do Rocio; e depois, descrevendo as ruas do transito da procissão, diz:

«Não só os porticos do Terreiro do Paço, o palacio real e a santa egreja patriarchal se ornaram: a mais passou a magnifica providencia do senado. Ordenou que se armassem as ruas e logares por onde estava determinado passar a procissão; e sendo muitas e compridas, todas egualmente mostraram, na maior grandeza, o seu obsequio para com Deus, e respeito ao seu principe.

«Correu a procissão a Tanoaria, Calcetaria, rua dos Ourives do ouro, Douradores, e dos Escudeiros, entrou pelos porticos do Rocio, rua das Arcas, Torneiros, Correaria, Ourives da prata, rua Nova dos Ferros, e ultimamente, depois do arco dos Pregos, entrou pelos porticos do Terreiro do Paço.

«Todas estas ruas se cobriram com toldos presos em mastros, que estavam ornados de ouro e seda; d'estes mesmos toldos pendiam vinte e tantas medalhas da grandeza de quatro palmos e meio de diametro, distribuidas pelas ruas e em logares differentes. Eram todas doiradas, e ornadas com tafetás carmezins, franjados de ouro, e presos em varias partes com galão do mesmo metal, tendo de uma parte o Sacramento entre resplandores, e no reverso as armas do eminentissimo patriarcha em umas, e as armas do senado em outras.

«Todas as ruas pediam larga descripção, pois cada uma parecia ter tomado por sua conta adquirir só, a gloria que todas juntas mereceram. Não se viam as janellas, porque se cobriam de preciosas cortinas e sanefas, franjadas de ouro e prata; e até as paredes, que entre ellas mediavam, estavam cobertas de lós, damascos, e télas differentes; chegando este adorno aos logares mais altos das moradas. A rua Nova, que fundada em cento e quarenta e nove columnas e pedestaes de marmore, serve com a sua grandeza de lustre famoso, e vaidade illustre á cidade de Lisboa, excedeu, no capricho e no conceito, a toda a admiração. Todas estas columnas se cobriam de sedas lavradas, lós preciosos, e télas brilhantes, guarnecidas de passamanes de ouro e galões de prata. As traves, que sobre as mesmas columnas sustentam as faces exteriores das casas, se ornaram com largas sanefas e pannos bordados, similhantes, na riqueza e no engraçado, ao que se via em toda esta rua. Por baixo dos arcos que lhe formam as columnas, se cobriam as lojas e mais portas, com pannos de raz, tão deliciosos á vista, como dignos de attenção. Os ourives do ouro, que sempre fazem brio de servirem preciosamente o seu principe, agora zelando a sua gloria, e obsequio do Sacramento, não só paramentaram com a maior riqueza as janellas, lojas e as testadas das casas, mas tambem nas noites da vespera e dia da solemnidade, illustraram tudo com muitas luzes, que, fixas nas janellas, e trémulas com muitos candieiros de cristal, converteram industriosamente a noite em dia, parecendo toda a rua uma esphera de estrellas, e um globo de luzes. Até o frontispicio e paredes dos templos, por onde havia de passar a procissão, se armaram com preciosas alfaias, como o admirou a curiosidade nas egrejas de S. Nicoláo, de Corpus Christi, aos Torneiros, e da Magdalena. O mesmo ornato e magnificencia ostentava o palacio do eminentissimo cardeal Cunha, e D. Antonio Estevão da Costa, armeiro mór de S. M., thesoureiro do Hospital Real de todos os Santos, no Rocio, que não só cobriu as suas paredes com muitos reposteiros bordados, e cortinas de excellentes damascos, mas ainda levantou um soberbo arco, que servia de entrada á rua da Bitesga, para que em toda a parte se continuasse em adornos, mais finos obsequios da Magestade Sacramentada.»

N'este anno já de todo se haviam supprimido as figuras e danças; mas ainda nas provincias continuaram a ir na procissão de *Corpus*.

Custou muito a privar o povo d'estes espectaculos tanto do seu agrado e enlêvo, havendo repetidos conflictos entre a auctoridade ecclesiastica e as seculares, pendencias estas mui serias!

Na collecção de manuscriptos que possue o meu bom amigo e parente o sr. Julio Caldas, achei um mui curioso parecer, do procurador da coroa, no reinado de D. Pedro II, dado sobre uma queixa que fizeram os vereadores da camara do Porto, do bispo da mesma cidade, por este não consentir que na procissão do Corpo de Deus fossem, entre o cabido e o pallio, doze cidadãos com suas tochas; por não ter insensado os camaristas: por não consentir que as danças entrassem na egreja; e finalmente por não se querer servir do pallio da cidade. O teor d'este curioso parecer é o seguinte:

«As procissões, assim em quanto a fazerem-se, como quanto á ordem, fórma e precedencias que n'ellas se devem guardar, são todas da jurisdicção dos prelados ordinarios; se bem é verdade que não devem, nem podem, sem ouvir as partes a que tocar, prival-as da antiga posse em que as acharem.

«Os supplicantes tem posto o negocio nas mãos de S. M.: póde o dito senhor, sem embargo da tal posse, ordenar o que for servido, e o que lhe parecer mais decente, e mais reverente em uma procissão d'este alto mysterio e sacramento, como é o do Corpo de Deus. O que supposto, venhamos a cada uma das queixas.

«Quanto á primeira: dizem os supplicantes, e o bispo não o nega, que de tempo immemorial vem doze homens nobres com doze tocheiras entre o cabido e o pallio, allumiando o Santissimo Sacramento; e vem isto a ser obsequio e veneração que a cidade lhe faz, o que agora prohibe o bispo, dizendo que, conforme ao ceremonial, não dever ir pessoa alguma entre o cabido e o pallio, e que querendo levar as tochas, devem ir pelos lados do mesmo pallio.

«O que eu n'esta materia posso dizer é, que confessando-se a posse, se havia de seguir a restituição, se o negocio se pozesse em juizo contencioso, ou fosse por meio de recurso á coroa, ou por acção de força nova. Porém S. M. póde na materia resolver o que for servido, advertindo que já para a procissão de Coimbra se tomou a resolução que consta n'estes papeis. Mas tambem advertindo que o cabido era sómente o que se podia dar por queixoso, em razão da sua precedencia, o que não fez, e por ventura com boa razão, porque os ditos doze cidadãos não lhe precedem por suas pessoas, mas vão, em certo modo, como doze tocheiras vivas, levando em suas mãos doze tochas a allumiar com ellas, e com reverencia, o Corpo de Jesus Christo.

«Quanto á segunda queixa, na falta de incensar: o bispo reconhece que foi descuido; mas como seja materia grave, que pertence á honra dos officiaes da camara, se deve escrever a dito bispo, que não permitta mais similhante descuido, nem falte com as ceremonias honorificas que sempre se usaram.

«Quanto á terceira: se o bispo reconheceu que as danças se executavam com pouca reverencia dentro na egreja, isto é o que devia emendar. Porém não deve prohibir que entrem na egreja e que n'ella descancem e cantem, honesta e decentemente, em presença do Santissimo Sacramento, de cujo triumpho é aquelle dia proprio, mais que todos os outros, e é de total festa e alegria da egreja catholica, em que não sómente os fieis em particular, mas o commum das cidades e povos christãos rendem a Deus adorações festivaes, pela incomparavel mercê de estar com elles sacramentado; e tem prejuizo grave em se lhes prohibir esta demonstração de seu rendimento.

«Quanto á quarta: se deve declarar ao bispo que na procissão ha de ir servindo o pallio da cidade, como n'ella e em todas as mais do reino se costumou, no que elle tambem mostra que não terá duvida. Lisboa 20 de junho de 1688. — *Manuel Lopes de Oliveira.*»

Este parecer tem a seguinte cota á margem: «S. M. se conformou, excepto no ponto de entrarem as danças na sé.»

TIRANTE EL BLANCO

(Noticia critica d'este rarissimo livro de cavallaria)

Tirante el blanco chamou-se assim por seu pae, que era senhor da marca de Tirania, e por sua mãe Blanca, filha do duque de Bretanha.

No titulo de sua historia castelhana, impressa em Valhadolid, anno 1511, por Diogo de Gudiel, chama-se *El esforzado e invensible caballero Tirant el Blanco de Roca Salada, caballero de la Garrotera, el qual por su alta caballeria alcanzó á ser Principe y Cesar del Imperio de Grecia.* Anteriormente tinha sido impressa a mesma historia na lingua lemosina em Valença no anno de 1490, da qual ha um exemplar, o unico que se conhece, na bibliotheca da Sapiencia em Roma, onde a vira, e sobre a qual escrevêra uma noticia o padre agostiniano frei Isidoro Hurtado, a qual copia o Padre Mendes na sua *Typographia Hespanhola*, que tambem dá noticia de outra edição em lemosino, feita em Barcelona no anno de 1497, da qual era o exemplar da bibliotheca do Porto, de que tanto tem fallado os jornaes ultimamente.

Da edição castelhana traduziu-a para Italiano Lelio Manfredi, e publicou-se por primeira vez em 1538, por segunda em 1566, Veneza, e por terceira em 1611, sem logar de impressão. Ximeno, no appendix ao tomo 2.º da sua bibliotheca de Escriptores Valencianos faz menção de uma traducção franceza, anterior á que fez e publicou, em 1740, o conde de Cailus, que não conhecendo as edições lemosinas, suppõe o original castelhano, suspeitando, comtudo, que o auctor seria valenciano, por um elogio de Valença, e tres prophecias relativas a esta cidade, que na obra vem inseridas.

As edições lemosinas são raras, e por tal modo rarissima a hespanhola, que nem N. Antonio, nem o seu continuador Bayer, nem Pellicer, tão deligentes bibliographos, conseguiram vêl-a. Tambem confessa não a ter visto Clemencin, o erudito commentador de D. Quixote.

Quem fôra o auctor da historia de *Tirante el Blanco*, e qual a lingua em que originalmente fôra escripta, são pontos controversos, e ainda por decidir entre os raros amadores d'este genero de litteratura, que Miguel de Cervantes *matou de morte natural para sempre.* Que João Martorell, cavalheiro valenciano, foi auctor do *Tirante* lemosino, e que o dedicou a D. Fernando de Portugual, filho do infante D. Affonso, primeiro duque de Bragança, não ha duvida. A obra começou-a no mez de janeiro de 1460, segundo diz na dedicatoria; na mesma acrescenta, que o original estava em inglez, e que a traduzira para portuguez a rogos do principe, e depois ao valenciano, para que seus patricios a podessem gozar. No fim da historia ha uma nota, segundo a qual, tendo fallecido Martorell sem traduzir mais do que as tres primeiras partes, tinha traduzido a quarta e ultima Mosen João de Galbá a instancias da nobre senhora D. Isabel de Loriz, e que se acabára de imprimir no mez de novembro de 1490.

Se o livro de *Tirante* foi realmente inglez na sua origem, e veiu depois, pelos tramites indicados, a ser valenciano (lemosino), ou se foi invenção de Martorell para dar maior valor e estimação á sua historia, por este meio, que depois repetiram outros muitos auctores de livros de cavallaria, assumpto é impossivel de averiguar por ora. Tambem não se póde saber, se a traducção da quarta parte se fez com pouco ou muito intervallo das primeiras. Nem do *Tirante* inglez nem do portuguez restam outras noticias, mais que as precedentes. Como quer que seja, tendo consideração á similhança que existe entre o estilo e composição da quarta parte com as tres primeiras, verosimil é que todas fossem originariamente da mesma mão; e como a traducção de Galvá se fez, segundo parece, do portuguez, póde acreditar-se que o *Tirante* existiu completo n'esta lingua, e que d'ella se fez a *traducção* castelhana (ignora-se por quem) que por primeira e unica vez se publicou em Valhadolid em 1511. Pellicer, pelo facto de Martorell chamar traducção á sua obra, suppoz que o original havia de ser por força hespanhol, como se a traducção não podesse fazer-se de outra lingua!

Falla-se na historia de *Tirante* do uso de artilheria, das ilhas Canarias, da ordem da jarreteira: os trajos, armas, festas, costumes e usos que descreve, pertencem já ao seculo XV; a maneira porque falla dos genovezes é propria de um subdito da coroa de Aragão n'aquella epocha; e além de muitas outras

personagens fabulosas, como Artús, Lançarote, Flores e Branca-Flor, faz menção tambem de *Urganda la desconocida*, o que nos persuade ser composta depois do Amadis de Gaula.

Do que fica dito, conjecturâmos verosimil que João Martorell fôra mui acceito e favorecido de D. Fernando de Portugal, e que, conhecendo a inclinação e gosto d'este principe ás historias de cavallaria, quiz mimoseal-o com a do *Tirante el blanco*, talvez escripta em competencia com a de Amadis de Gaula, cujo original se guardava, com muito appreço, na casa de D. Fernando.

Martorell, na dedicatoria, falla da sua permanencia por algum tempo em Inglaterra, e das *adversidades* que tinha experimentado da *fortuna*, adversidades que poderam ser occasião do favor d'aquelle generoso principe. Em seu obsequio, agradecido, escreveria a obra em portuguez, e depois quiz o proprio auctor traduzil-a em *lemosino*, para que d'ella gozassem seus patricios, como elle mesmo diz: «*perço que la nació don yo so natural, sen poxa alegrar*»; e não tendo concluido a versão, por sua morte a continuou, então, ou annos depois, Mosen Juan de Galvá. Explica-se assim, naturalmente, a predilecção que mostra o auctor do *Tirante* a Valença, suas relações de amizade com o principe D. Fernando, e o motivo de escrever e traduzir a historia.

De todos estes antecedentes se deduz, que assim como é duvidoso que existisse o livro de *Tirante* em inglez, assim tambem é seguro que existiu o portuguez, e que se escreveu n'esta lingua pelos annos de 1460; porém depois perdeu-se absolutamente, sem que haja memoria ou noticia da sua actual existencia. Exemplo que, junto aos de Amadis de Gaula e Palmeirim de Oliva, poderá dar peso á conjectura de que, feitas e publicadas as traducções castelhanas, a extensão e popularidade européa que esta lingua gozava no seculo XVI, fez que se esquecessem os textos portuguezes, e deu logar á sua perda, sem que de novo fossem dados á estampa.

A comparação exacta, minuciosa e detida das duas edições, lemosina e castelhana, prestariam provavelmente occasião para se fazerem muitas observações, e dar maior extensão a estas noticias litterarias do livro de *Tirante el blanco*, do qual talvez hajamos de fazer um esboço do seu enredo, e da conta em que é tido pelos auctores que d'elle fallam.

Setubal 31 de Maio.

G. P.

EXTRACTOS DE UM LIVRO INÉDITO

....

Depois do um outono frio ennevoado, ventoso, e triste como o mais feio e triste inverno, appareceu o sol sem nuvens no dia 9 de dezembro. Mas o anno de 1854 sentia-se morrer. O sol d'esse dia não tinha calor; o azul do ceo era sem brilho, não cantavam as aves, não haviam flores na terra nem folhas nas arvores; a natureza inteira parecia insensivel ou desfallecida. Dir-se-hia que annunciava ao anno a «*primavera da morte.*»

Um raio de sol, pallido e ameno, coado pelos cyprestes fronteiros ás janellas, penetrou na alcova do poeta moribundo. Durante um mez o seu estado seguira todas as alterações da atmosphera. O calor do fogão que estava acceso noite e dia, para graduar a temperatura do quarto, não modificava nem levemente as desagradaveis impressões que as variações do tempo lhe causavam. Os dias ventosos irritavam-n'o, os nevoeiros opprimiam-lhe o coração, o ruido da chuva trazia-lhe não sei que vagas memorias do passado, que o enchiam de tristeza e de saudade. Este estado, porém, era o menos duradouro. Quando o vento rugia açoutando furiosamente os vidros das janellas, era costume seu dizer em ar de graça: «Como elle zôa na carvalheira! Cá me dizem os meus nervos que váe tudo raso lá por fóra.»

Os accessos de melancolia vinham-lhe nos poucos momentos em que se via só, e abandonavam-n'o logo que alguem apparecia. E, coisa rara! no meio das maiores angustias nunca lhe falleceu o animo! O seu espirito foi sempre superior ao padecimento. A proposito de cada grito que este lhe arrancava, citava uma anecdota engraçada, fazia uma comparação historica, ou descrevia comicamente o seu estado.

Era realmente um talento e um homem unico!

Quando lhe perguntavam como estava, se a pergunta vinha de pessoa familiar, respondia: «Quasi como S. Lourenço; não me resta por queimar senão uma costella, que deve ser a que tenho de S. Gonçalo.» [1]

Todos os que o trataram se lembram da graça inimitavel com que elle *contava*; imaginem, pois, a grave physionomia do auctor de *Camões* e *D. Branca*, contrahindo-se de vez em quando por dores intensissimas, em quanto a bocca ri e descreve, com infinita viveza de engenho, o estado do corpo macerado pela cama e coberto de causticos! A facecia ora se suspendia de todo com alguma dor mais aguda, ora continuava misturada de gemidos e tregeitos, que tornavam mais comico o espirituoso doente, e lhe augmentavam a veia para novos chistes. Ouvindo-o não podiam deixar de rir-se os que mais se compadeciam d'elle, e que mais sentiriam a sua perda, tida já por inevitavel! Mas como não seria assim, se era elle o primeiro que parecia esquecer-se que o fim da sua existencia estava proximo? Não posso crer, comtudo, que o poeta ignorasse o seu verdadeiro estado: fingiria, talvez, que o não sabia, para não esmorecer os que o rodeavam. O que é certo é que só uma vez, durante tão longa enfermidade, me fallou na morte, e isso mesmo rapida e incidentemente: «Se eu morrer, vejam o que tenho cá por dentro a roer-me.» Era a lesão que o matava. Entretanto preparou-se para tudo com uma grandeza e sublimidade de espirito dignas de seu altissimo engenho, e do seu nome glorioso. Acceitou e recebeu de um modo edificante os soccorros da religião e da egreja; orava a miudo e fervorosamente, com os olhos fitos n'uma bella imagem de Christo Crucificado, memoria da sua familia, que ainda conservava no pé da cruz uma coroa de flores sêccas, posta pelas mãos da adorada mãe do poeta.

Em fins de outubro ou principios de novembro pedira eu ao meu amigo o sr. doutor Francisco Martins Pulido, que a pretexto de visitar Almeida Garrett, o examinasse attentamente para me dizer se com effeito devia perder-se a derradeira esperança. Isto não era porque eu tivesse a menor duvida ácerca do juizo que da doença formava o sr. doutor Barral, medico assistente; mas porque não tendo com este relações algumas, receava fazer-lhe perguntas indiscretas. Preparei o doente para a visita de Pulido, dizendo-lhe que ia, não como facultativo, mas como amigo; e concordámos em que se consultaria tambem a sua opinião. Quando o distincto medico saiu da alcova, logo eu li no seu rosto a sentença, tornando inutil a precaução que elle tomou de me chamar para o vão da janella, a fim de não se dizer diante da filha do poeta a terrivel verdade.

A circunstancia de ser eu a unica pessoa que acom-

[1] A familia dos Almeidas, que se uniu a Garretts, pretende contar entre os seus ascendentes o famoso S. Gonçalo de Amarante. Isto váe tratado largamente no livro d'onde se extrahe o presente artigo.

panhava mais assiduamente o doente, dava-me serios cuidados; tomei por dedicação e reconhecimento aquelle encargo, assás doloroso para o meu coração, e sinceramente confesso que o teria resignado, se achasse em quem; mas não achei.

O meu estado de saude era tambem pouco lisonjeiro, e o meu amigo Pulido, prevendo que elle se tornaria peior (como succedeu), se eu presenciasse a morte de Garrett, me aconselhou a que evitasse um tal espectaculo. Mas nem o interesse da minha propria conservação, nem o desejo de declinar a responsabilidade que me cabia, por ter assumido a direcção e governo de uma casa, cujo dono estava expirando, tiveram força para me obrigar a sair d'alli. Consultei parentes e amigos intimos de Garrett, pedi que tomassem conta da casa, offerecendo-me para continuar á cabeceira do doente, que, pela amizade e confiança que commigo tinha, parecia comprazer-se com a minha companhia; fiz sentir a necessidade de se acautelarem certos objectos que andavam por mãos de criados; disse que estes não eram para mim isemptos de suspeita, que se achavam alta noite certas portas abertas, e que eu não podia ser ao mesmo tempo guarda do enfermo e dos ladrões. Tudo foi inutil. Suppliquei a varias senhoras, que pareciam tomar pelo moribundo alto interesse, que ao menos me arranjassem uma criada, a fim de ser despedida a insolente que havia em casa, e que não só deixava de fazer o serviço a tempo, mas insurgia-se quando por isso a censuravam; contei que, vindo eu um dia ás duas horas da tarde, achára o grande poeta quasi desfallecido, e perguntando-lhe se estava peior, me respondêra: *que não lhe tinham dado ainda nem um caldo desde o dia anterior;* que procurando a

LOGARES MEMORAVEIS

I



Casa onde falleceu o grande poeta portuguez Almeida Garrett — Rua de Santa Isabel, n.º 78.

criada, me disseram que tinha saído a negocios seus; e que quando veiu, sendo chamada ao quarto de Garrett e interpellada por este, pretendêra justificar-se em tão descomposto berreiro, que elle me pedira, *pelo amor de Deus*, que a pozesse fóra, dizendo-me depois que ella saiu: «Se a não põem na rua, mata-me.» Disse eu mais ás ditas senhoras, que d'aquelle dia em diante não tornára a afastar-me do doente, senão á uma e duas horas da noite, para voltar logo de manhã cedo; mas que havendo alguem, cuja amizade ou parentesco lhe dava mais direito a estes cuidados, houvessem de tomar alguma providencia que me alliviasse. Tudo foi em vão; ninguem queria o trabalho nem a responsabilidade. Parece incrivel! Uma das pessoas que por amor da herdeira de Garrett maior zelo devia ter pelos seus haveres, quando reclamei a sua presença, ou a de alguem de sua confiança, respondeu-me que não queria *rabos de palha!* Não commento as expressões; mas confesso que me indignaram profundamente.

Foi por isso que eu me decidi a não temer os taes *rabos de palha*. Não era justo que morresse desamparado um homem que tanto honrára o paiz e o seculo que o viram nascer; mas, força é dizel-o, por bem pouco deixou de repetir-se um facto horrivel. Eram outras, inteiramente outras as circunstancias; porém não faltava muito para que a morte de Garrett fosse egual á de Camões. Graças a Deus que tal não succedeu. Similhante opprobrio basta que se veja uma vez em mil annos, para deixar uma eterna mancha na face da nação que o consentiu.

Declaro porém, antes de passar adiante, que não estou bem convencido ou não comprehendo bem o desapêgo e indifferença que parecia haver para o poeta, nas escusas dadas pelos que não deviam escusar-se; antes me parece que elle fôra sempre objecto de vivas affeições; mas, se me engano, é porque então a sua

gloria, lisonjeando certas vaidades, lhe acurvára corações menos accessiveis ao amor e á amizade. Como quer que fosse, não posso pôr de accôrdo as provas de interesse manifestadas por um lado, e o escrupulo exaggerado que mostraram de tomar a iniciativa n'uma casa que, mais do que eu, deviam zelar.

Era bem azado o momento, na verdade, para tão ridiculas preoccupações! Que temiam? Que vinham a ser os taes *rabos de palha?* Arreceavam-se de que os accusassem de algum furto? Diga-se a verdade, era a isto que alludiam os que se dispensaram de aturar o pobre moribundo, de quem se não esperava já nenhum agradecimento, porque todos sabiam que elle só d'alli sairia para o cemiterio. Mas de duas uma: ou não confiavam assaz na sua probidade, para que ella os collocasse acima de toda a suspeita, ou o egoismo era mais forte n'elles do que o affecto e consideração que deviam ao poeta. Escolham.

A par d'este procedimento, de pessoas que não devo nem posso nomear, folgo de registar outro bem diverso, tido por amigos sinceros de Garrett, dos que se comprazem na modestia, que se pejam de apparecer nos momentos da prosperidade, mas que nunca faltam nos dias da amargura. Para gloria das lettras e das artes, foram escriptores e artistas, isto é, os homens de coração, que mais vezes se me offereceram para ficar commigo á cabeceira do doente, ou ainda para maiores sacrificios. Não acceitei, porque não dependia isso da minha vontade, mas não posso deixar de mencionar aqui dois nomes, para satisfação das duas classes. Começarei pelo artista, que já morreu, e que cito de proposito para honrar a sua memoria, e a arte que elle professava. Era Epifanio Aniceto Gonçalves, homem de grande alma e grande talento, que um governo de tacanhos se divertiu a desconsiderar e humilhar nos seus ultimos annos de vida, sem que a bocca do actor illustre soltasse nunca a menor queixa.

O outro era o Sr. Rodrigo José de Lima Felner, escriptor tão modesto quanto erudito, por quem Garrett conservava antiga amizade do tempo em que o tivera por seu secretario no Conservatorio.

A unica pessoa, depois de mim, que não foi escusada pelo doente, era um amigo de pouco tempo, mas provado já por muitos incommodos, impertinencias e trabalhos que o poeta lhe tinha dado. Ao sr. Manuel José Gonçalves cabe uma grande parte na triste honra de acompanhar, em seus ultimos momentos, o grande poeta portuguez de quem escrevo a historia.

Foi na minha casa da travessa do Forno, n'aquella casa *Dantesca* tão amada do poeta, que os dois se tinham encontrado haveria pouco mais de anno e meio. Apresentei Gonçalves, e ainda hoje me lisonjeio de o ter feito, pelos muitos e bons serviços que este excellente amigo e espirituoso conversador prestou depois a Garrett. A sua companhia sempre festejada, foi vivamente reclamada por mim na occasião em que me vi mais só ao lado do enfermo; porém as suas occupações prendiam-lhe os dias, deixando-lhe apenas libertas as noites, e essas, não só por pedido meu, como por sua propria dedicação, as consagrou sempre ao doente.

Com este excellente amigo, e com o sr. D. Pedro do Rio, consultava eu, algumas vezes, ácerca das providencias que seria conveniente tomar quando chegasse o doloroso instante. Gonçalves, quando vinha á noite, abria discussão commigo, tomando por thema a primeira palavra que eu proferisse. Faziamos isto de proposito para entreter o doente, que se animava, tomava calor comnosco, e discutia tambem. Por momentos creio que todos tres nos esqueciamos de que no fim d'essa viva e alegre disputação haveria de menos um grande espirito.

Garrett não podia já deitar-se; estava sentado na cama, rodeado de almofadas e travesseiros, em que descançava o corpo, encostando-se ora para um ora para outro lado. Estava muito magro, e um pouco desmaiado, mas sem fazer grande differença da sua côr natural. Os olhos conservavam a limpidez e brilho que deviam ter aos vinte annos, no vigor da saude e da mocidade. Nunca se queixou de outro mal senão do que dizia ter no pulmão, coração, ou figado. Elle não sabia bem onde era a origem. Nunca teve uma dor de cabeça, e nos ultimos dias da sua vida exclamava amiudadas vezes: «Hei de morrer sem me doer esta cabeça! Nem uma leve impressão, uma dor instantanea, uma perturbação, nada!» Effectivamente nunca experimentou n'ella o mais pequeno incommodo. Sómente nos tres ou quatro ultimos dias que precederam o da sua morte, sentindo-se extremamente fraco, não podia ouvir o ruido das seges que passavam pela rua. Mandei, para amortecer esse ruido, deitar alli algumas cargas de areia, depois de ter para isso pedido a permissão á camara municipal, que a deu immediatamente, escrevendo-me o seu digno presidente uma carta cheia de sentimento.

O poeta havia-se confessado, a pedido seu, em uma das occasiões que se achou peior; mas tornando a sentir algum alivio, disse-me que se não considerava bem confessado, e que precisava fazel-o de novo, melhor e mais devagar. Tornou porém logo a peiorar, e eu, temendo que de futuro se me imputassem as faltas que podessem occorrer, não por minha culpa, mas pela dos que depois seriam os primeiros a accusar-me, tomei a deliberação, de accordo com Gonçalves, de chamar um confessor; mas para não fazer sentir brutalmente ao enfermo, que já nada havia a esperar, lembrei-me de que elle tinha muita predilecção por um veneravel ecclesiastico, confessor das religiosas Salesias, e fui pedir a este, por intervenção do sr. D. Pedro Moscoso, que fosse, a titulo de visita, ver se Garrett queria confessar-se-lhe.

O excellente homem logo se metteu commigo na sege, e partimos. Á chegada a casa, escondi-me, e deixei entrar o padre. Este penetrou no quarto do doente, que o abraçou, e creio que logo adivinhou tudo, porque mandou sair no mesmo instante as duas santas irmãs de caridade, que eu tinha reclamado para o tratarem, e começou a sua confissão.

Devia ser um espectaculo admiravel e pathetico o ver aquelle bom velho provecto na idade, na virtude, e na fé, cobrindo com os seus cabellos, brancos de neve, e lavando com as suas lagrimas de admiração e de perdão, o arrependimento d'aquelle peccador illustre, tão accusado, tão culpado talvez, mas o mais calumniado homem d'esta terra! — O padre, o grande e verdadeiro padre da egreja de Jesus Christo, o padre que dando o exemplo da virtude perdoa, absolve, e abençôa os que se arrependem, o padre que acabava de confessar a João Baptista d'Almeida Garrett, saia no fim de uma hora, soffocado, soluçando, com o rosto alagado de pranto, as mãos postas, e podendo dizer-me apenas de passagem, cheio de pasmo, de uncção religiosa, e de sagrado enthusiasmo: «Que grande homem! que alma! que exemplo admiravel!»

Eu e Gonçalves, que tambem tinha chegado, olhámos um para o outro. A ambos nos corriam as lagrimas em fio...

(Continua)

GOMES DE AMORIM

SANTO ANTONIO DE LISBOA

Ainda não ha muitos annos, que em todas as tendas e tabernas de Lisboa, se via um nicho com a imagem d'este popularissimo santo, no topo ou remate da armação d'estas lojas. E no seu dia, todas estas casas de venda se transformavam em outras tantas egrejinhas, porque o nicho se espaldava de damasco vermelho, enfloravam-no, e era allumiado com muitas vélas.

Não tinham nossos passados por irreverencia, estar um santo, canonisado para se adorar nos altares, mettido entre cabeças d'alho, mólhos de cebola, presuntos e chouriços; por cima de pipas e cangirões, tendo por incenso a fumaça das frigideiras de peixe e dos assadores de castanha. A boa policia da cidade foi a pouco e pouco supprimindo essa nicharada, de que nossos filhos só terão conhecimento pela tradição.

O rapazio tambem povoava as ruas e portas de escadas, de thronos de Santo Antonio, fazendo um importuno peditorio aos viandantes para a cera do seu santo. Váe-se tambem extinguindo este uso, que de todo se deve extirpar, para que a infancia não se habitue a ser pedinte.

Toda a noite de Santo Antonio ardiam pelas ruas e praças da cidade innumeraveis fogueiras, que se alimentavam principalmente de barris e cabeças de alcatrão, a cujas chammas queimavam os namorados as sibyllinas alcachofras, e era tambem da praxe e folia d'esta noite saltarem-se as fogueiras, para augmentar a galhofa dos espectadores com o chamusco dos que não as sabiam saltar com ligeireza.

Outra diversão muito do gosto publico, era a foguetada, as bombas, buscapés e mais fogo solto que estalava continuamente, sem deixar pregar olho aos que não tinham já que esperar do relento d'esta milagrosa noite.

Tudo isto, fogueiras e fogo de polvora, prohibiu a camara com receio de algum incendio ou desastre.

Hoje só resta em Lisboa como reflexo da tão alegre e festiva noite de Santo Antonio, o arraial da praça da Figueira, onde a fruta nova apparece em palmitos e capellas, como virgem que está ainda, quasi toda, do dente do homem, que não do bico dos passaros.

Para a praça da Figueira se dirige durante a noite, e mais ainda de madrugada, grande parte da povoação, por ser esta a unica amostra que a civilisação lhe deixou das festas antigas; miniatura do grande panorama de fogueiras, danças, musicas e cantares, que por toda a cidade se cruzavam outr'ora.

Ainda este anno esteve a praça cheia toda a noite e o Rocio tambem, girando por alli muitos grupos de tocadores e trovadores populares, com grande sequito de ouvintes.

A popularidade de Santo Antonio, em Portugal, não lhe vem tanto de ser casamenteiro e deparador de coisas perdidas, como de ser portuguez. Nasceu em 1195, n'umas casas junto á sé de Lisboa, sitio onde está hoje a sua egreja. Aos 15 annos de idade tomou o habito dos conegos regrantes, em S. Vicente de Fóra, e d'ahi a dez annos passou-se para a ordem dos franciscanos, entrando no convento dos Olivaes, junto a Coimbra. Depois saíu de Portugal para a Africa, em missão apostolica, mas um temporal o lançou nas costas de Italia, fallecendo em Padua a 13 de junho de 1231, tendo apenas 36 annos de idade. No seguinte foi logo canonisado pelo papa Gregorio IX, reinando em Portugal D. Sancho II.

Deixou muitos sermões, e um commentario da Biblia em latim.

Sobre a era da fundação da sua egreja junto á sé, no sitio onde nascêra, publicou o douto antiquario, e estudioso academico, o sr. dr. Levy, uma excellente noticia no relatorio que fez á camara municipal, de que foi vereador em 1856.

Alli se prova que no reinado de D. Affonso V já existia a egreja de Santo Antonio, porque voltando este monarcha da conquista de Tanger, de lá trouxera umas portas de bronze, de certa mesquita, que deu para este templo. D. João II, querendo que o santo portuguez tivesse casa mais sumptuosa, e não lh'a tendo podido fazer durante o seu inquieto reinado, dispoz em testamento (1495), que «no mesmo logar e sitio onde nascêra Santo Antonio, se construisse um templo, consignando para esse fim 1000 justos de ouro (600$000 rs. da nossa moeda actual).»

El-rei D. Manuel, seu successor, e encarregado da execução do testamento, não só cumpriu a vontade de D. João II, mas poz muito de seu cabedal para que a obra ficasse grandiosa. A cidade tambem concorreu para esta edificação, e por isso em casa mistica ao templo fez paço do conselho, e ahi esteve a camara municipal de Lisboa, depois senado, desde o tempo d'el-rei D. Manuel até D. José.

Faziam-se á real casa de Santo Antonio da Sé muitas esmolas, e no tempo de D. João III se calcularam n'um conto de rs. por anno. Antes do terremoto tinha de rendimento oito contos; e as alfaias e prata que n'essa calamidade consumiu o fogo, valiam trinta e seis contos de rs. Só a imagem do santo ficou salva, e ainda hoje se conserva no altar-mór.

O illustrado presidente da vereação passada, o sabio lente de chimica da eschola polytechnica, em vez de sustentar tanto menino do coro, como d'antes havia com as sobras do custeamento d'este sanctuario (que ainda gasta annualmente 3:500$000 reis), instituiu uma eschola de instrucção primaria, pelo methodo portuguez de Castilho, que nos dizem estar muito bem organisada e regida.

CONVENTO DE JESUS DE SETUBAL

(Vid. pag. 91)

III

Da já citada historia manuscripta deste convento, extrahimos a seguinte noticia das obras que n'elle mandou fazer el-rei D. Sebastião, e a narrativa do conceito em que tinha as freiras, como singelamente conta a religiosa chronista soror Leonor de S. João.

«Na era de 1561, em cortes, renunciou a rainha D. Catharina (viuva de D. João III) o governo, que se deu ao infante e cardeal D. Henrique, seu parente e cunhado, o que obrou com muita satisfação dos povos e pobres, entrando no numero d'elles as religiosas d'este convento, recebendo mercês e esmolas eguaes ás dos reis seu pae e irmão. E na mesma era, o rei menino de sete annos (D. Sebastião), assignou um alvará para não pagarem coima os bois e mais animaes d'este convento; e na era de 1566, por outro alvará deu liberdade para se ir buscar toda a lenha necessaria á sua coutada da Murta, mandando ao couteiro a désse. Por outro alvará concedeu que podessem mandar buscar toda a pedra para as obras, da que vem por lastro nas embarcações que portam n'este rio: e assim deu outros poderes para que das condemnações da taxa dessem a este convento certo numero de esmolas, obrigando por outro, aos officiaes da alfandega, cumpram o

que mandou sobre esta taxa. Confirmou e assignou os alvarás e provisões que atrás fica dito de seus antecessores; deu peças de valia e ornamentos para a egreja, vestuario ás religiosas e serviços de fóra, pagando physicos, botica, e tudo o mais necessario, com a liberalidade de seus antepassados. E mais queria dar ao convento ordinarias cada anno, o que as freiras não acceitaram, para com mais perfeição guardarem a pobreza; ainda que para isso foram constrangidas dos prelados e confessores.

Mandou mais o dito rei, á sua custa, refazer a casa do ante-côro, que estava repartida em tres mui escuras, as quaes se fizeram n'uma, muito formosa, de duas naves, com quatro arcos de pedraria, pintado o tecto com santos da nossa ordem, a escada mui larga, de duas voltas, de taboleiro espaçoso feito de pedraria cercada de grades de ferro pintadas, e os maineis. O que mais illustra a obra é um Christo Crucificado do tamanho de um homem, de grande devoção, em uma capella e altar, com que fica tudo perfeito, e tres formosos arcos de pedraria que fazem volta ás portas do convento; feito tudo á custa del-rei, o qual desejando entrar no convento, o não fez, parecendo-lhe causar algum modo de inquietação ás religiosas.

Á egreja vinha muitas vezes mandando pedir o abençoassem ao entrar da porta; e ao sair d'ella, olhando para a grade algumas vezes, sorria-se, outras limpava as lagrimas que com devoção chorava. Assim lhe acontecia quando recebia algum mimo, juntamente com pão molle, que costumava pedir, o punha nos olhos, e beijando-o, mandava-o guardar, dizendo que era só para elle o pão das suas freiras santas. E assim as nomeava sempre, não consentindo cair no chão uma bonina das que lhe mandavam, e á que lh'as levava festejava com palavras d'amor e agradecimento.

Achei mais escripto, que indo uma vez ao convento de Palmella, se não quiz sentar a jantar, até lhe não mostrarem janella d'onde visse este nosso; e levado a ella disse com grande alegria: «Já vi o meu convento de Jesus, vamos á mesa.» E assim se diz, que quem o queria agradar, fallava-lhe n'esta casa, e na fama da sua religião, do que recebia summo contentamento. Mas por justos juizos de Deus, permittiu carecesse este reino do gosto que tinha em possuil-o, e que fosse mais inclinado ás armas, e outros bons e catholicos costumes, que a prucurar succèssão no reino. Todos seus intentos poz em conquistar os mouros, o que commetteu em vida da rainha sua avó, chegando ás fronteiras de Africa, aonde vendo sua pouca companhia e muitos dos inimigos, por conselho de soldados velhos se tornou a Portugal, voltando lá depois para nunca mais regressar.»

Tem este convento muitas reliquias de fama; porém a de mais estimação para as freiras, é o craneo de uma das cinco mil virgens, com que as presenteou o celebre duque d'Alva, quando invadiu Portugal em 1580. Não sabemos se esta reliquia tem authentica, mas sim que o general castelhano era muito capaz de a forjar.

ANTIGUIDADES NACIONAES

Periodos memoraveis de uma representação da casa dos Vinte-e-quatro, ao intruso rei Filippe IV, *em* 1628, *contra os desperdicios do seu governo.*

Vossa Magestade tem feito e faz algumas mercês, e estas continuadas, em notavel prejuizo d'esta coroa, por se lhe não declararem os segredos que n'ella ha, e por ausencia de cem legoas o não ver ao olho; e são que cria e faz duques, como fez ao marquez de Villa Real, e faz marquezes sem quantidade, cria condes que são muitos, por quanto cada duque leva de assentamento cada anno setecentos mil réis, cada marquez trezentos e vinte e cinco mil réis, cada conde cem mil e tantos reis, e de maio passado a esta parte, á vista das necessidades presentes, tem feito dois; e com o saber o numero de todos (de cincoenta annos até ao presente mais de vinte) se julgará o que levam cada anno, e se tira do patrimonio real. Não se aponta isto a V. M. para que se não façam similhantes titulares (como a nobreza do reino pediu nas cortes de Thomar, e nas ultimas d'esta cidade, que não se fizessem fidalgos de novo), que era atar as mãos á real magnificencia; mas que, creando-se, não tenham assentamento, senão que se appliquem ao soccorro da India, isto a exemplo dos corregimentos e casamentos antigos da casa real, que os tirou el-rei D. João III, por ver que se ia consumindo sua fazenda e patrimonio real, servindo-lhe como de sumidoiro sem fundo.

Depois da perda da armada do reino e naus da India, deu V. M. ao conde de Villa-Franca, D. Rodrigo da Camara, fazenda que sobe a trezentos mil cruzados, sem andar com as armas ás costas em Africa, nem ter andado nem adquirido na India, nem nas partes do sul, novas terras para a coroa d'este reino; sendo assim que ao primeiro conde da Vidigueira, D. Vasco da Gama, por descobrir a India, não se lhe deu por el-rei D. Manuel mais que quatrocentos mil réis de juro; e ainda estes sujeitos á lei mental; que o condado comprou elle por seu dinheiro ao duque de Bragança, dando-lhe el-rei sómente o titulo.

ENIGMA



Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.